


“O SUPREMO TRIBUNAL DAS ENCRENCAS *SPORTIVAS* QUE É A LIGA MINEIRA” E O CENÁRIO FUTEBOLÍSTICO EM BELO HORIZONTE (1904 a 1933)

Recebido em: 12/08/2021

Aprovado em: 19/10/2021

Licença: 

Rodrigo Caldeira Bagni Moura
Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) – Campus Bambuí
Bambuí – MG – Brasil

RESUMO: O presente artigo pretende analisar as tramas que contribuíram para a construção da entidade máxima do futebol mineiro, as Ligas Mineiras de futebol, no período de 1904 a 1933. Entendo que a história social de Belo Horizonte e os diferentes indícios encontrados na imprensa no período analisado demonstram a importância das entidades que regulavam o esporte em questão, num contexto de muitas disputas entre pessoas e instituições que pertenciam ao campo esportivo na cidade. As fontes consultadas foram os jornais disponíveis na capital mineira no período em questão, e que possibilitaram através da análise seriada dos documentos construir uma narrativa das experiências das pessoas que se envolviam no cenário futebolístico de Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Diversão. Cidade.

"THE SUPREME COURT OF SPORTING TROUBLES THAT IS THE LIGA MINEIRA" AND THE FOOTBALL SCENE IN BELO HORIZONTE (1904 to 1933)

ABSTRACT: This article intends to analyze the plots that contributed to the construction of the maximum entity of Minas Gerais football, the Minas Gerais football leagues, in the period from 1904 to 1933. I understand that the social history of Belo Horizonte and the different signs found in the press in the analyzed period demonstrate the importance of the entities that regulated the sport in question, in a context of many disputes between people and institutions that belonged to the sports field in the city. The sources consulted were the newspapers available in the capital of Minas Gerais in the period in question, which made it possible, through the serial analysis of the documents, to build a narrative of the experiences of people who were involved in the football scene in Belo Horizonte in the first decades of the 20th century.

KEYWORDS: Footbal. Fun. City.

Introdução

O cenário do futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 era intenso¹, disputado e bastante movimentando, com o envolvimento de vários grupos². Nos dizeres dos cronistas da cidade o futebol era uma verdadeira febre, capaz de gerar desentendimentos entre as pessoas, mas também de promover o divertimento e de alegrar e entusiasmar os mais cétricos, "teremos, pois uma belíssima tarde desportiva, a que comparecerá por certo, grande massa popular³".

As disputas se davam nos estádios, mas continuavam nas ruas e nas avenidas⁴, de tal forma que podemos afirmar que foi este esporte uma das práticas responsáveis por minimizar o estigma da capital mineira de ser denominada de a cidade do tédio⁵, ou de pueirópolis, de movimentar e fazer as pessoas ocuparem os espaços públicos, tal como ocorreu após a partida entre Atlético e São Cristovão que "pouco depois na Avenida o jogo continua(va). O primeiro *team* do Atlético bem lavado e de roupa mudada, comparece(u) em frente ao Iris, toda a gente faz(ia) questão de passear com Mario, com Said e Osvaldo⁶".

Vários periódicos da cidade, como o Minas Gerais, o Diário de Minas, o Diário da tarde, o Diário da Noite, A Capital, e vários outros jornais acompanhavam os eventos esportivos na cidade.

Muitas equipes se destacavam no campo esportivo que configurou-se no Estado de Minas Gerais, e a circulação de equipes e jogadores intensificou-se no início da década de 1920. Equipes de Nova Lima, de Sabará, de São João Del Rei, de Juiz de

¹ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, Sábado, 1 de agosto de 1931, p.10. As fontes da pesquisa serão citadas em nota de rodapé.

² Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, 29 de maio de 1927, p.9.

³ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, 12 de junho de 1927, p.12.

⁴ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, 22 e 23 de junho de 1929, p.10.

⁵ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, 23 de março de 1930, p.10.

⁶ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, 22 e 23 de junho de 1929, p.10.

Fora e de várias outras cidades mineiras faziam jogos amistosos contra os times da capital, e eram momentos de disputa e de intercâmbios esportivos, mas também de festas e de confraternizações que contribuíam para aumentar ainda mais a paixão pelo futebol pelo Estado.

As Ligas Mineiras

Em Belo Horizonte duas instituições concorriam pela hegemonia do esporte na cidade, no final da década de 1920 e início da década de 1930. A liga mineira de futebol, apesar da importância do seu papel, não deixou de ser alvo de muitas confusões que alteraram as experiências dos jogadores de futebol, da assistência e dos envolvidos com o jogo.

Este trabalho se insere no campo da história social⁷, diante de um importante panorama nacional e internacional em que se desenvolveu a história do esporte⁸, pois entendo que pesquisar as entidades que promoviam e regulavam o futebol é de grande relevância para a compreensão das experiências dos sujeitos no tempo e no espaço, num momento em que as diversões na cidade eram centradas em muitas e complexas relações que estavam sendo aos poucos compreendidas pelos diferentes personagens, que ousavam vivenciar atividades que eram aos poucos apreendidas, como uma verdadeira aprendizagem social, e que eram atravessadas por interesses econômicos, políticos e culturais, e que por vezes sofriam resistências locais bem acentuadas.

⁷ Os arquivos pesquisados foram: o Arquivo da Imprensa Oficial, a Hemeroteca Pública, o Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, o Arquivo Público Mineiro, a Coleção Linhares, e o Museu Histórico Abílio Barreto.

⁸ Entendo como Melo *et al.* (2013, p.27) que "a história do esporte é um campo de investigação que vem se delineando nas últimas décadas, não somente conduzido por "historiadores de formação", mas também por pesquisadores que, independente de sua filiação acadêmica original, procuram se aproximar dos debates teóricos e metodológicos da disciplina história".

As desavenças entre a Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT) e a Associação Mineira de Esportes Terrestres (AMET) era uma constante. Apesar das duas entidades viverem em desarmonia, a questão do profissionalismo - até 1933 - não era uma prioridade para as instituições responsáveis pelo futebol em Belo Horizonte.

As ligas e as associações esportivas foram se constituindo com a finalidade de promoverem os esportes, de fortalecimento dos clubes e também como uma forma de regular e normatizar as disputas no campo esportivo.

Segundo Ribeiro (2007), a primeira liga de esportes de Belo Horizonte ocorreu no mesmo ano de implantação do futebol na cidade em 1904. Segundo o Jornal a Folha pequena, de 10 de outubro de 1904 “Reuniram-se ontem á noite, no Grande Hotel, os representantes das sociedades locais de ‘football’, ‘Sport –Club’, ‘Plinio Football-Club’ e ‘Athletico Mineiro’, afim de organizarem nesta capital uma Liga de grêmios esportivos, idêntica às já existentes no Rio e em S. Paulo.”

Ainda segundo Ribeiro (2007) a Liga Mineira de *Sports* Athleticos (LMSA) foi criada na capital mineira em 1914, composta pelos seguintes clubes: America, Athetico, Yale e *Club Sports* Hygienicos. Já em 1915 a liga ampliou o número de membros para cinco com a fundação do Christovam Colombo *Football Club*. Em 1917 fundou-se a Liga Mineira de desportos Terrestres, a partir de um problema ocorrido com America e Sete de Setembro que recorreram a CBD e promoveram a Cisão da LMSA⁹.

Contudo, ao tentar controlar e impor medidas de punição aos que se exaltavam nos jogos, ou nas diferentes searas administrativas que impunham restrições a diferentes segmentos da sociedade que se apresentaram de forma legítima para defender os

⁹ Para maiores informações ver Ribeiro (2007), páginas 55, 78 e 85.

interesses dos clubes que representavam. Muitos impasses e divergências ocorreram e transformaram em diferentes momentos as condutas fora e dentro de campo.

Entretanto, ao analisar os casos que geraram diversas reações na sociedade e no campo esportivo que foi se constituindo na cidade percebemos que muitas ligas tiveram vida efêmera pela pouca capacidade de administrar os conflitos e as discordâncias, e por não ter a dimensão do que o futebol passou a representar naquele momento.

Muitos problemas e tensões que estavam presentes no meio esportivo de Belo Horizonte foram desencadeadas por fatores diversos, sobretudo, pela novidade, e pela pouca experiência em lidar com tudo o que envolvia tentar gerir o esporte, que despertou entusiasmo, paixão e motivação, mas também muitas críticas, recusas e até muitas manifestações contrárias a adesão dos esportes, pois segundo os críticos mais ferrenhos o esporte deseducava a "mocidade"¹⁰.

O esporte também potencializou interesses de grupos muito diversos, e que protagonizaram embates que foram muito além das arenas esportivas ou da disputa de um jogo, que vinha no bojo de um ideário de modernidade e da pretensão de se inserir em práticas que carregavam objetivos e sentidos muito diversos, mas que eram vistos ora como diversão, ora como uma prática violenta e que tumultuava as relações sociais numa cidade ainda em construção.

O poder e o domínio dos esportes era o que mais importava para as duas organizações concorrentes, LMDT e AMET, e que eram as responsáveis em administrar os Esportes em Belo Horizonte. Diversos setores buscaram amenizar as tensões entre essas instituições, no entanto, não obtiveram êxito.

¹⁰ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Sábado, 4 de janeiro de 1930, p.14 e 15.

Uma das tentativas de acordo foi articulada pela Associação de Chronistas Desportivos¹¹ que buscava solucionar os problemas em prol das rodas esportivas da capital.

Com o passar do tempo, a Liga Mineira começou a receber críticas mais pesadas, pois segundo os jornais a tolerância dessa entidade estava comprometendo o progresso do futebol no estado. A indisciplina de alguns jogadores atestava que essa instituição era condescendente com os atletas infratores e com os clubes.

A Liga Mineira, na parte que se refere á sua comissão de *sports*, é uma sociedade secreta. O pessoal da Liga assiste aos treinos. Verifica os defeitos e as falhas do nosso *football*. Mas não dá ao povo, que paga para ver até os treinos, nenhuma explicação¹².

A imagem que a imprensa construiu dessa entidade foi de omissão e desrespeito com o público que pagava para assistir aos jogos. Várias atitudes foram cobradas na matéria. No entanto, pelo tom da reportagem, percebe-se que os cronistas tinham poucas esperanças, que fossem solucionados os problemas encontrados.

Um manifesto do Clube Atlético Mineiro aos seus associados e ao povo de Belo Horizonte¹³ demonstrou a indignação que começava a surgir naquele momento contra a Liga Mineira. Em muitos casos o que motivava as insatisfações dos atletas e dos clubes eram os erros que a entidade máxima do esporte não tinha a vontade de corrigir. Muitas falhas de árbitros que ficavam impunes, erros de interpretação absurdos que davam a entender que existia má fé nas decisões, prejuízos para os jogadores que por decisões arbitrárias eram excluídos dos jogos, e até mesmo do esporte, por arrogância ou abuso de autoridade de alguns.

¹¹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Domingo, 10 de Abril de 1927, p.10.

¹² Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 25 de Outubro de 1929, p.14.

¹³ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes, Sábado, 19 de Julho de 1930, p.10.

Os Jogadores e as Ligas

Um caso que representou muito bem os desmandos da Liga foi o do jogador Pantuzzo que atuava na partida Calafate – Fluminense. O fato fora amplamente divulgado pela imprensa. O jogador veio a público manifestar sua intenção de recorrer da decisão que o privou de praticar o futebol nas equipes subordinadas a Liga Mineira¹⁴.

Na versão apresentada por Pantuzzo, ele afirmou ter agredido o árbitro Alcides Meira em represália a uma grave ofensa que esse lhe dirigiu. O conselho dos julgamentos da Liga Mineira eliminou o jogador dos meios esportivos sem apurar, com critérios claros e com um mínimo de imparcialidade, o ocorrido.

O Calafate, time de Pantuzzo, não se posicionou para defendê-lo, no entanto, a imprensa começou a abrir espaço para o jogador, entendendo que o conselho dos julgamentos não havia apurado as verdadeiras responsabilidades no incidente.

A declaração de Pantuzzo e o que se comenta nos nossos meios esportivos nos permitem duas conclusões sobre a questão em foco, as quais, ignorando esta secção as cores dos *clubs* locais não nos trepidamos em fazer público. A primeira é que, de fato, os dirigentes do Calafate cometeram uma irreprovável ingratidão para quem, durante muitos anos, vem pondo ao interesse do *club* todas as suas energias e capacidades de *foot-baller*. A segunda e, pelo que afeta a um órgão de ampla ascendência sobre os filiados da Liga Mineira, mais importante e, por isso mesmo, mais grave, é que o Conselho dos Julgamentos julgou o incidente entre Pantuzzo e o juiz, Sr. Alcides Meira, discrecionariamente, não instaurando, como era de se esperar e de sua obrigação, o inquérito imprescindível para apurar as verdadeiras responsabilidades¹⁵.

A decisão de excluir Pantuzzo dos campos de futebol foi interpretada pela imprensa com muitas ressalvas e especulações. O fato de o árbitro ser do quadro A, e o jogador de um time suburbano, teria influenciado na decisão, o que para o cronista responsável pela matéria acima, dava-se a entender, que era uma injustiça.

Neste caso, a própria Liga Mineira adota a política do epidiomorfismo, que a todos ferros devemos combater, por julgá-la altamente prejudicial aos interesses do esporte mineiro. Se a Comissão Técnica não quis tomar uma

¹⁴ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 28 de Agosto de 1931, p.9.

¹⁵ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sábado, 29 de Agosto de 1931, p11.

decisão definitiva sobre o caso de Pantuzzo, é porque julgou deficientes as declarações lavradas na súmula, sendo portanto necessário reunir e ouvir as testemunhas do fato, o que não é da sua alçada. Assim não entendem, entretanto, o Conselho dos Julgamentos, pois que, a nosso ver, a eliminação de Pantuzzo foi feita sumariamente, sem consultar os interessados. E esse mau juízo ficará de pé enquanto provas concludentes não nos mostrarem o contrário - G¹⁶.

Esse episódio, descrito acima, deflagrou uma série de questionamentos e consequências que repercutiram em Belo Horizonte afetando as experiências de muitos envolvidos com o futebol. O alto tribunal da Liga e o Conselho de Julgamentos começaram a ser duramente criticados e colocados em suspeição¹⁷.

A LMDT foi acusada de não possuir um código dos esportes, que, para a imprensa, deveria ser entregue para todos os clubes filiados à Liga para que não ocorressem decisões arbitrárias, como a do jogador Pantuzzo.

Com toda a repercussão que o caso envolvendo o juiz Alcides Meira e o jogador Pantuzzo tivera, a assistência começou a se manifestar nas arquibancadas.

O juiz do prélio, Sr. Alcides Meira, o mesmo que lançou em uma súmula as tremendas acusações que deram causa á eliminação de Pantuzzo da Liga Mineira, esteve, sem dúvida, em situação melindrosa perante a assistência que ocorreu ao *field* palestrino. Os afeiçoados do valente Fluminense, ante a queda deste, não compreenderam que uma derrota é fato natural no *foot-ball*. E, achando que ao juiz cabia toda a culpa dos arroxos de suas amarguras, moveram contra o Sr. Alcides Meira descontrolada e sistemática oposição, brindando-o com epítetos nada aceitáveis e enumerando, em palavreado mordaz, os pênaltis que s. s. não consignou a favor do bando de Dario¹⁸.

Os desdobramentos, do episódio descrito acima, podem ser acompanhados pela imprensa. O árbitro começou a ser perseguido pelos torcedores, em função da polêmica que ele se envolveu e da divulgação que o fato teve.

Nesse momento, que o Rio de Janeiro e São Paulo estavam discutindo a questão do profissionalismo, com várias posições sendo defendidas entusiasticamente, é de se estranhar que na imprensa mineira as matérias sobre essa questão tenham desaparecido,

¹⁶ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Sábado, 29 de Agosto de 1931, p.11.

¹⁷ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 30 de Agosto de 1931, p.13.

¹⁸ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e terça-feira, 31 de Agosto e 1 de Setembro de 1931.

ou ficado ainda mais esporádicas. O silêncio, sobre a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte, por parte da imprensa, pode ser um indício de que pessoas com outros interesses não queriam promover este debate na capital mineira. Ao desviar-se o foco para um desentendimento em campo entre um árbitro e um jogador, as instituições que deveriam promover o debate, de uma questão tão importante para o futuro dos esportes, pretendiam manter o futebol nos mesmos moldes amadores.

Outros casos começaram a ser expostos nos jornais.

Positivamente, nós estamos na época dos casos. Suposto que a evolução do mundo derrama mais luz e conseqüentemente claridade nas cousas, os dias que correm formam uma exceção à parte. A fácil compreensão desejada vai tomando assento o obscurantismo. E verdade é que tudo está tão confuso... O *foot-ball*, que é entre as distrações com que se esquece a vida, incontestavelmente, o maior inimigo das trevas, porque a sua prática exige luz e muita luz no ambiente, está também, em Belo Horizonte, sofrendo das conseqüências do emaranhado atual de tudo. Nada menos de três importantes casos estão esperando a solução da Liga Mineira¹⁹.

Dessa forma, a matéria continua com o relato de três casos envolvendo jogadores, clubes e a Liga Mineira. O primeiro envolvendo o Palestra, que entrara com um recurso contra o Vila para anular a partida. O segundo porque a Liga teria eliminado o jogador Gustavo do S. C. Siderúrgica, que havia se transferido para o Vila. E o terceiro envolvendo Humberto do América, e o juiz Dunorte, que acusou o jogador em uma súmula. A matéria termina de uma forma irônica.

Como se vê, nada menos que três casos complicados estão esperando a fala da Liga Mineira. O que nos anima é que madame Laila está na Terra e pode dizer-nos sobre o dia de amanhã – G. G. M.²⁰.

Mesmo que madame Laila tivesse poderes sobrenaturais, penso que ela não conseguiria prever a série de acusações, denúncias, relatos de confusões e sururus dos mais diversos que começaram a ganhar as páginas dos jornais. Num emaranhado de

¹⁹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quinta-feira, 10 de Setembro de 1931, p.11.

²⁰ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sábado, 19 de Setembro de 1931, p.11.

episódios que aguardavam a solução da Liga Mineira os leitores acompanhavam o desenrolar dos fatos.

Com os procedimentos pouco isentos adotados, muitos descontentes também manifestaram-se em público, repudiando as decisões da entidade que comandava os rumos do futebol na cidade, e a situação tornou-se insustentável.

É importante destacar que a Liga Mineira passou a ser alvo de muitas críticas²¹, e também passou a ser responsabilizada por tudo que acontecia nos campos, ou fora dele.

Já porque nos competem apontar e focalizar os pontos sombreados do panorama esportivo local, já porque seria, sem dúvida, condenável um indiferentismo nosso em face dos espetáculos que tão amiúde se vêm repetindo em nossos campos, cumpre-nos fazer apelo aos diretores da Liga Mineira no sentido de ser movida uma campanha coletiva da prática da violência pelos jogadores dos clubes que se batem, os quais, com essa nova face de exibições, estão desviando sensivelmente o *football* de sua verdadeira e única louvável finalidade: o aperfeiçoamento físico da raça²².

Volta e meia algumas tentativas de aproximação entre os clubes e a Liga Mineira foram articuladas²³. No entanto, essas manifestações de apoio a entidade máxima dos esportes em Belo Horizonte desfaziam-se na mesma velocidade que eram encaminhadas. Nos primeiros sinais de desentendimentos todos ficavam alarmados a espera de uma ruptura definitiva com a Liga Mineira, pois um grupo constituído por clubes opositoristas estava a espera de algum deslize dessa instituição para buscarem os seus direitos.

Os jogos de *foot-ball* que estavam marcados para a tarde de domingo passado, em continuação do campeonato da primeira divisão da Liga Mineira, não se realizaram. Mantendo a atitude, antes tomada de oposição á atual diretoria da nossa maior entidade esportiva, Vila, América e Sete não compareceram ás partidas que iriam disputar com o Calafate, Guarani e Palestra, respectivamente²⁴.

²¹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 20 de Setembro de 1931, p.18.

²² Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Quarta-feira, 23 de Setembro de 1931, p.13.

²³ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 4 de Outubro de 1931, p.10.

²⁴ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Segunda e Terça-feira, 5 e 6 de Outubro de 1931, p.13.

Os clubes de oposição resolveram com essa atitude romper de vez com a Liga Mineira. Enquanto isso, os jornais lamentavam a não realização dos jogos²⁵.

Numa matéria em que o cronista ressaltou a privação de agradáveis emoções que a final do campeonato de futebol, entre América e Atlético, iria proporcionar, houve a menção à divisão da família esportiva mineira. No entanto, apesar do termo família sugerir uma harmonia, todos que acompanhavam os jornais sabiam que a Liga Mineira estava muito longe disso. Era apenas retórica, ou estratégia para amenizar a situação. As divergências eram constantes e os desentendimentos eram habituais.

Ao mesmo tempo que os representantes da Liga moviam-se para processar os clubes que recusaram-se a efetuar suas partidas²⁶, os clubes dissidentes se articulavam para se fortalecer. Com essa finalidade, promoveram um festival esportivo com dois jogos de futebol, que segundo consta, provocou vivo entusiasmo nos esportistas da capital²⁷.

No entanto, esses problemas afetavam de alguma forma os ânimos dos envolvidos com o esporte. “Quem vive das nossas coisas esportivas não pode afirmar, peremptoriamente, que o dissídio que se abriu no seio da Liga Mineira não arrefeceu muito o entusiasmo dos esportistas locais, no que toca ao *foot-ball*²⁸”.

Para evitar mais abalos na estrutura geral do esporte em Belo Horizonte uma série de medidas começaram a ser pensadas. A proteção que deveria vir da Liga Mineira para os pequenos clubes da cidade era uma dessas ações que visavam a manutenção do público nos estádios, o interesse das pessoas pelo esporte e, principalmente, a

²⁵ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Segunda e Terça-feira, 12 e 13 de Outubro de 1931, p.11.

²⁶ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sexta-feira, 23 de Outubro de 1931, p.11.

²⁷ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 25 de Outubro de 1931, p.9.

²⁸ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e Terça-feira, 26 e 27 de Outubro de 1931, p.14.

permanência da Liga Mineira. Essa entidade, sentindo-se ameaçada, procurava se fortalecer de todas as formas.

Quando, há tempos, em crônicas diárias, focalizamos os diversos apelos do panorama esportivo da capital, não escapou à nossa observação a necessidade de uma proteção segura e eficiente da Liga Mineira aos chamados pequenos *clubs*. Tendo à sua frente não poucos e pequenos obstáculos, apoiados em um corpo social às vezes inexpressivos pelo número, lutando com os mais sérios óbices, os pequenos *clubs*, que os há muito em nossa cidade, vêem não raro os seus esforços anularem-se no melancolismo de um progresso tordo, que a irreverência atual torna ainda mais sombrio. Que de sacrifícios não tem exigido de seus diretores a estabilidade de um *club* como o Calafate, cuja fonte de renda se limita, com certeza as mensalidades de seus associados? Entretanto, mais por milagre que por jogo de finanças, esses *clubs* vivem dentro da ordem e da disciplina, acodem com pontualidade suas obrigações, mantêm simples e decentemente a sua sede, além do muito que indiretamente, do silêncio de seus cantos, sem os foguetes coloridos da publicidade, colaboraram no levantamento moral e técnico do esporte mineiro²⁹.

As Crises, as Rupturas e o Papel da Liga no Futebol Mineiro

Foi necessário que uma crise se impusesse, no seio do futebol mineiro, para que a Liga se mostrasse interessada nos times pequenos. Naquele momento, era importante para a entidade que representava o futebol em Minas Gerais buscar o máximo de apoio possível. É curioso observar a ênfase que o cronista deu ao fato de que, apesar de todas as dificuldades, os clubes considerados pequenos cumpriam todos os seus compromissos de ordem, disciplina, pontualidade e obrigações.

Em uma visita que fizemos ontem á sede do Guarani, sentimos na simplicidade encantadora que enfeitava o interior do prédio, no trato amável dos sócios do *club* indígena, na fidalguia espontânea de seus diretores, que estavam em face de uma colméia de silenciosa e fecunda atividade, onde o clubismo, o partidarismo, o extremismo não tinham ainda, como sobreticiamente fazem, deturpado as estruturas morais. Quem se põe ao contato desses despreziosos grêmios esportivos é que pode, à evidência incontestável dos fatos, avaliar o quanto imprescindível se torna um apoio oficial a tão grandes e nobres esforços, despendidos com altivez e sem outros intuits que não os de auxiliarem, embora sem o espalhafato dos nossos dias, na manutenção do ritmo progressivo do esporte montanhês. Agora, que se pretende fazer geral revisão nos estatutos da Liga Mineira, para moldá-los às necessidades do momento, porque o evolucionismo natural os tornara infenso ao espírito dos dias correntes, a situação dos pequenos *clubs* deve ser objeto das cogitações, afim de que eles possam, ao influxo de uma proteção sólida e

²⁹ Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p.8.

constante, alcançar a linha de progresso em que se ostentam os *clubs* poderosos. – G. G. M.³⁰

Há uma indireta menção aos clubes dissidentes, que por serem considerados grandes, e terem menos empecilhos para manterem-se, deveriam agir de forma correta, ordeira e responsável, na visão da Liga Mineira, como os clubes pequenos.

Outra tentativa de resolução do problema foi a intervenção da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que buscou um acordo sem sucesso para acabar com a cisão da Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT)³¹. Com o mesmo objetivo o Palestra Itália³² lançou um manifesto aos esportistas belorizontinos “encarecendo a necessidade da pacificação dos esportes montanhese e convidando os clubes filiados a liga mineira para uma reunião especial³³”, onde se discutiria a fórmula da reconciliação.

Chamou a atenção, nessas tentativas de resolução dos problemas no futebol mineiro, um ofício da diretoria do Palestra Itália ao Atlético³⁴. A iniciativa do referido clube foi bem acolhida pelo Atlético que declarou-se partidário da pacificação.

Liderando o movimento de reconciliação, o Palestra Itália reuniu alguns clubes, que enviaram um requerimento a Liga Mineira, solicitando a anistia para os clubes que foram eliminados³⁵. Essa união dos clubes era interpretada positivamente nos jornais que sustentavam uma representação funcionalista de esporte. "O caso da pacificação da família esportiva mineira tem sido o centro de interesse de quantos, neste estado, compreendem a elevada importância da Educação Física na melhoria da raça"³⁶.

³⁰ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p.8.

³¹ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sábado, 30 de Janeiro de 1932, p.11.

³² O Palestra Itália de Belo Horizonte foi fundado em 1921, e em 1942 transformou-se em Cruzeiro Esporte Clube.

³³ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 1932, p.15.

³⁴ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 1932, p.11.

³⁵ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sábado, 6 de Fevereiro de 1932, p.10.

³⁶ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sábado, 13 de Fevereiro de 1932, p.9.

O que era fortemente discutido em Belo Horizonte em 1932 era a crise que vivia a Liga Mineira. Outro documento solicitando a anistia, aos clubes, e aos jogadores eliminados, reforçou o apoio à LMTD³⁷. Esse impasse vinha se arrastando desde setembro do ano anterior, o que fez com que eu levantasse a hipótese que esses episódios ganharam uma grande repercussão por parte da imprensa e foram supervalorizados, com o propósito de tirar o foco da sociedade belo-horizontina de outras questões que incomodavam a tradicionalíssima elite da cidade, sendo uma dessas questões a discussão sobre a implementação do profissionalismo.

Entretanto, as pessoas não ficaram alheias a esse debate em Belo Horizonte porque não eram poucos os habitantes da capital mineira que circulavam no Rio e em São Paulo, onde essa questão estava muito em evidência.

Em São Paulo e no Rio de Janeiro as federações protagonizaram um papel central na afirmação do profissionalismo, com os "descontentes" fundando novas entidades que defendiam os interesses dos clubes e dos atletas que queriam que o esporte fosse profissão. Segundo Salles (2004), “os debates iniciais surgiram de forma ambígua, onde os dirigentes se dividiram entre interessados e contrários ao surgimento do regime profissional. Os discursos geravam argumentos moralizadores que alimentavam ambos os lados³⁸”. De acordo com o autor citado acima esse momento do futebol pode ser explicado a partir das três teses desenvolvidas por Hirschman³⁹ (1992), que estudou as transformações sociais no século XX e apresentou as teses da ameaça; do efeito perverso e da futilidade.

³⁷ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais Terça-feira, 16 de Fevereiro de 1932, p.12.

³⁸ SALLES, 2004, p. 123. José Geraldo do Carmo Salles discutiu essas e outras questões na sua tese de doutorado intitulada: Entre a paixão e o interesse – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro, defendida na Universidade Gama Filho em 2004.

³⁹ HIRSCHMAN, 1992.

Possivelmente os conservadores, aqueles contrários ao regime profissional utilizavam a retórica da intransigência nas suas argumentações na perspectiva desenvolvida por Hirschman: A) Alguns se sentiam ameaçados com a mudança, pois acreditavam que seu espaço de distinção seria invadido por indivíduos que não apresentavam o mesmo padrão social, e principalmente a eminência da perda de poder (Tese da ameaça); B) outros argumentavam que a mudança de regime poderia provocar um efeito contrário ao que alguns reformadores acreditavam, pois a moralização através do contrato, mesmo que garantisse o espetáculo poderia provocar uma despesa que o clube não teria condições de arcar (Tese do efeito perverso); e, C) outros apenas colocavam que tal mudança não passaria de ilusão, pois não resultaria em nada e que tudo retornaria ao que era anteriormente (Tese da futilidade).

Pelas especificidades do futebol na capital mineira, as teses desenvolvidas por Hirschman (1992) e apresentadas por Salles (2004), podem ser consideradas em alguns momentos nos discursos dos diversos envolvidos com os times na cidade, sejam eles dirigentes, jogadores, cronistas ou expectadores.

Em alguns momentos percebi nas fontes alguns "ecos" que sinalizavam a preocupação dos cronistas esportivos, dos jogadores e dos dirigentes com as despesas que os clubes não teriam condições de arcar, o que vai ao encontro da tese do efeito perverso⁴⁰, como está expresso na afirmação do presidente do América Clóvis Pinto: "Não temos renda para profissionais, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim não temos necessidade de profissionais"⁴¹.

Encontrei também indícios que remeteram à tese da ameaça, pois para alguns "o amadorismo tem finalidades mais elevadas"⁴², principalmente por parte da diretoria do América que resistiu a ideia do profissionalismo e não queria adotar o futebol remunerado⁴³. E, também, há indícios que levaram-me a acreditar que os jogadores, principalmente aqueles ligados à elite, não acreditavam que o profissionalismo fosse concretizar-se em Belo Horizonte, e que apesar de toda a repercussão tudo voltaria a ser

⁴⁰ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p.8.

⁴¹ Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 23 de fevereiro de 1933, p.8.

⁴² Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 9 de março de 1933, p.10.

⁴³ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 24 de Fevereiro de 1933, p.8.

como era antes, ou seja, a tese da futilidade⁴⁴ esteve presente nas crenças, ou nas "descrências" dos jogadores que não acreditavam no futebol remunerado na capital mineira⁴⁵.

No fundo, porém, poucos se importam. Seja profissional ou amador. Não há lá grande diferença. Não existem estultes preconceitos. Qual princípios, qual nada! Tolices! Velharias! A nobreza do espírito dos nossos *footballers* se evidencia mais ainda por isto o que eles querem, em grande maioria, esmagadora, é continuar a dar no couro. Tem só a bola na cabeça. Isto é, no pensamento⁴⁶.

Quando as pessoas pensavam que a anistia seria concedida pela Liga Mineira, e que as coisas estavam acalmando-se, alguns clubes não concordaram com as medidas, o que gerou o agravamento da questão⁴⁷. Todas essas confusões que se estenderam por meses, que começaram com decisões arbitrárias do conselho de julgamentos da Liga Mineira e que tiveram vários desdobramentos, culminaram com a ruptura dos times dissidentes e com a fundação de uma nova entidade.

Assim, no dia 11 de Março de 1932, num manifesto dirigido ao povo esportivo de Belo Horizonte, no jornal Minas Gerais, os representantes da recém fundada Associação Mineira de Esportes Gerais (A.M.E.G.) veio a público comunicar sua fundação.

Temos o prazer de participar ao povo esportivo de Minas a fundação da A.M.E.G. (Associação Mineira de Esportes Gerais). Sua origem que parece ter um fundo de rebeldia, em consequência da atitude assumida pelos *clubs* que a constituem, não passa, em realidade, do resultado de um louvável choque de princípios e ideais, verificado no seio da família da L. M. D. T., cujos resultados, apesar da perplexidade estabelecida pelos espíritos confusos e arrelentos, de personalismo indomável, muito comuns nas campanhas desse gênero, estão claramente ao alcance da mentalidade serena dos homens equilibrados que se interessam por qualquer das correntes que se definiram: - Conservadora e evolucionista. A A.M.E.G. não é, pois, uma instituição desalmada, nem tem os seus característicos morais flexíveis e plásticos das

⁴⁴ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 15 de Junho de 1933, p.6.

⁴⁵ Pelas particularidades da realidade belo-horizontina acredito que outras questões devem ser investigadas nesse contexto, como os times de periferia, as pessoas que comandavam o esporte na cidade e as tramas decorrentes das instituições que despontaram a partir de 1933, Liga Amadora de Futebol (L.A.F.) e Associação Mineira de Esportes (A.M.E.).

⁴⁶ Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 15 de junho de 1933, p.6.

⁴⁷ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda-feira, 22 de Fevereiro de 1932, p.11.

que se formam ao abrigo de promessas, hipocritamente, preparadas para arma de combate e, portanto, á ação maior ou menor dos obstáculos do meio em que deve atuar⁴⁸.

Mesmo com a criação de uma nova entidade, a Liga Mineira de Desportos Terrestres continuou atuante e representando uma parcela dos clubes da cidade. Contudo, nesse novo panorama pouca coisa mudou no que tange a postura das duas instituições com relação ao profissionalismo nos esportes. No manifesto da recém fundada entidade ficou claro que a mesma pretendia manter muitos dos princípios que regiam a L.M.D.T.

Ela é o desdobramento de uma mesma força que por caminhos diferentes se dirigem para os mesmos objetivos, divergentes, é certo, entre si, quanto aos meios e processos. Tem particularidades genuinamente suas em relação ao nosso meio, porque da perspectiva em que se encontra deixa aflorar, evoluído, o elemento psíquico-genético que existia em estado latente, na alma da nossa mocidade esportiva, desde que, em Belo-Horizonte, um pugilo de *clubs* se constituiu em liga, objetivando liderar o esporte em Minas⁴⁹.

Entendo que toda essa repercussão da divisão dos clubes em duas entidades tenha influenciado na maneira como os sujeitos viviam o futebol nesse momento. Não dava para ficar indiferente ao quadro anteriormente apresentado, que, de alguma forma, afetava a todos e atingia, sobretudo, aos jogadores.

Que tem feito de bom o esporte entre nós? – Construído estádios á custa do estropeamento de algumas centenas de jovens que descem ao gramado dos campos sem preparo cientificamente adequado ao esforço que vão fazer, em defesa de pavilhões que os abrigam, enquanto eficientes e como simulacros de gladiadores romanos para gáudio de uma assistência que paga e faz, impertinente, jus a fortes emoções. Ainda bem, porque são poucas as vítimas; e, tão poucas, que não chegam a desfazer a impressão de que os nossos estádios são obras mortas de arte, erigidas para perpetuarem as glórias da velha Helade⁵⁰.

A partir da constatação de inúmeros problemas na preparação dos envolvidos com o futebol na capital mineira, a A.M.E.G, na sua intenção de levar a frente uma proposta de intervenção nos esportes apresentou inúmeras promessas que não tinham

⁴⁸ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

⁴⁹ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

⁵⁰ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

sustentação naquele contexto. A intenção era implementar as propostas para que o esporte pudesse desenvolver os seus mais nobres valores, sem uma real ideia de quais seriam as ações possíveis, apesar de a todo momento os seus representantes sustentarem no discurso uma posição de enfrentamento aos problemas que os mesmos conseguiam identificar.

A A.M.E.G. não permitirá a permanência desse deplorável estado de coisas. Ela enviará esforços e sabe como fazê-los para que os seus filiados, como células vivas de uma tendência, como o são as tendências lúdicas, tomem diretrizes que a recomendarão no concerto das instituições que cuidam da eficiência do nosso povo, e por conseguinte, de fortalecer o espírito da brasilidade, de que tanto carece a pátria brasileira para ser grande e feliz. A prática exagerada dum das atividades esportivas, em outras que a compensem, determina o desenvolvimento e até a hipertrofia de certas partes do corpo em detrimento de outras. Rompe, portanto, o equilíbrio das formas e das funções, o que pode acarretar e acarreta, aliás, perigos manifestos. É precisamente o que acontece entre nós. O perigo está nesse exagero desenfreado, acrescido em sua gravidade, do mercantilismo que adultera criminosamente os meios para a conquista do utilitarismo clubístico e gloria fictícia⁵¹.

Dessa forma sem ter um direcionamento claro sobre as medidas que possibilitariam o apaziguamento dos ânimos no futebol da capital mineira várias outras questões passaram a ser evidenciadas.

Quem viveu esse momento e foi mais afetado por uma transformação tão complexa do futebol foram os jogadores. Em todas as fases da vida esse impacto repercutiu nas experiências dos mesmos. Contudo, os jovens pelo seu envolvimento com o futebol contribuíram demasiadamente para as mudanças. Segundo Sevckenko (1998, p.49):

Uma vez mais, naturalmente, eram os mais jovens aqueles que melhor poderiam perceber e assimilar essas possibilidades criadas pelo esporte em meio à confusão do caos urbano. Por isso mesmo, por estar fortemente identificado com os mais jovens e lhes propiciar os indícios de um novo estilo de vida, desembaraçado dos entraves de um passado recente mas já obsoleto, o esporte se torna a moda e a moda adquire um acento desportivo. Assumir ostensivamente os sinais associados ao novo ativismo atlético constitui um meio de patentear de forma inequívoca a distância entre as gerações e a diferença entre as mentalidades.

⁵¹ Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

O amadorismo, que ainda era hegemônico em Belo Horizonte, começou a dar sinais de enfraquecimento, embora poucas ações concretas em direção da profissionalização no futebol fossem efetuadas, até o ano de 1932, na capital mineira.

Os maiores aliados dos jogadores que sonhavam com a profissionalização do futebol em Belo Horizonte eram os cronistas. A imprensa trazia em suas matérias a situação de outros países que haviam adotado o profissionalismo no esporte. Os cronistas traziam à discussão temas relacionados aos incentivos, gratificações e benefícios concedidos aos jogadores. Esse debate fazia aflorar ainda mais as disputas dos jovens em campo.

Faltam dois dias apenas para o jogo entre os mineiros e os fluminenses. E enquanto não chega o Domingo, a gente que mexe com *football* vive discutindo inutilmente. Os rapazes de Belo Horizonte andam cheio de melindres. Brigam á toa. Torcedores do Athletico, Palestra e América continuam a indicar para o *scratch* todos os jogadores de um *club* só⁵².

Nesse cenário de disputas, pertencer ao *scratch* também fazia com que os ânimos se exaltassem e que a experiência dos jogadores fosse alterada. No entanto, pude perceber que jogar na seleção brasileira, para um *footballer* belorizontino, era algo muito difícil de ser concretizado, pois já existia uma rivalidade entre os times do Rio de Janeiro e de São Paulo, que disputavam quantos jogadores cada estado cedia para a seleção nacional.

Acompanhando as matérias nos jornais, sobretudo em 1930 e 1934, quando se realizaram as primeiras copas do mundo de futebol, constatei a ausência de uma cobertura, pela imprensa mineira. Esse silêncio nas fontes deu-me indícios da falta de compreensão da dimensão desse evento, e do que ele representava. Além do mais, acredito que havia um desinteresse por parte dos leitores dos jornais em Belo Horizonte,

⁵² Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Quinta-feira, 24 de Outubro de 1929, p.14.

pois os mesmos não viam os jogadores dos clubes locais compondo a delegação brasileira.

O Futebol é Questionado em Belo Horizonte

Quando se tratava de outros assuntos relacionados ao futebol a imprensa dava uma ampla cobertura, com as mais variadas abordagens. Pude constatar que um tema muito explorado por parte da imprensa eram os sururus, que acabavam envolvendo a todos, e que tinham início muitas vezes por um fato corriqueiro em campo, mas que acabavam sendo potencializado pela falta de atitude da liga mineira em cessar o conflito, ou pelas providenciadas tomadas com parcialidade. Nesse sentido, em alguns momentos as visões sobre o futebol foram apresentadas de forma muito negativa.

*O Football é um meio horrível. As discussões sobre os jogos são as piores conversas do mundo. Toda a gente vive brigando e mentindo. Os próprios rapazes que escrevem as notícias enganam os leitores. Cada cronista tem um modo diferente de julgar. Não há ninguém que não torça por um *club*. Até nós torcemos. Mas nós gostamos é do Athletico. Em *football* uma pessoa não conseguirá nunca convencer a outra. E a prova está em que os advogados de Belo Horizonte pertencem a *clubs* diferentes. Na hora dos debates, quem é que vai reconhecer os bacharéis? Eles são iguais a todos os torcedores. Falam em lógica também. A lógica dos fatos. A lógica dos argumentos. E o pior é que a verdadeira lógica ficou perdida dentro de tanta conversa e de tantas discussões inúteis. Toda gente devia abandonar o *football*. Por causa das contrariedades. Das brigas. Das injúrias e dos sururus⁵³.*

Começaram a crescer as opiniões daqueles que pensavam que todos deveriam abandonar o futebol. Os principais argumentos eram a violência, os sururus e os desentendimentos que passaram a ocorrer com frequência entre jogadores e torcedores.

No começo de 1930, um cronista foi mais longe e escreveu uma matéria intitulada: “O *football* não merece o título de desporto”, onde o mesmo começou afirmando que “o desporto estava deseducando a mocidade brasileira”. Após ponderar que existiam outros esportes mais elegantes, como a natação e o “*tennis*”, e de

⁵³ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 11 e 12 de Novembro de 1929, p.12.

considerar a grande variedade de exercícios físicos que o esporte abrangia, e até de reconhecer que o esporte podia contribuir para o desenvolvimento físico dos praticantes, o alvo passou a ser o futebol que com duras críticas foi depreciado pelo autor.

Foi ao *Football* que coube a introdução dessa lamentável possibilidade. Não há partida de *football* que não exija a "comparencia" de um policiamento reforçado. E não policiamento que se faça por motivos gerais de garantia da ordem em grandes aglomerações ocasionais. Nos campos de *football*, em todos os dias de partida, o policiamento nunca é, platonicamente, preventivo. Tem de ser repressivo. O sururu é do programa, não só entre o público assistente, em que, de resto, não se podem apurar seleções esmiuçadoras, mas entre os próprios desportistas que tinham a obrigação funcional do bom exemplo de correção de maneiras. Enquanto não me vier um especialista demonstrar uma excepcional e marcada superioridade do *football* sobre os demais desportos, ao ponto de tornar toleráveis os sururus, a descortesia, a brutalidade que lhe são conseqüentes, eu estou no meu direito de só discordar da preferência injustificada que ele está tendo entre nós, como até de pleitear a sua proibição, como elemento de perturbação da ordem pública⁵⁴.

Nesse cenário complicado, alguns jogadores tiveram suas trajetórias influenciadas por essa visão negativa do futebol. Ofensas que, quase sempre, eram resolvidas ao fim dos jogos e que demonstravam atitudes sem precedentes. Pescoções, chutes e discussões.

Domingo ótimo para os que têm a mania do *foot-ball*. Para estes Belo Horizonte já não é uma cidade sem diversões. Nesta época de grandes jogos pode ir-se para os campos depois da missa das dez e voltar ao anoitecer. No *stadium* do Athletico, a população continua a fugir do domingo, que até as pessoas de fora consideram um dia inferior. As 12 horas, a arquibancada enchendo. Senhoras chegando por afeição aos lugares. Para torcer, para gritar. As contrariedades sportivas acima dos pequeninos desgostos domésticos. Mais dignas e elegantes. E com a vantagem de serem desabafadas publicamente, contra o juiz, contra os jogadores e contra todos os fatos que não foram compreendidos imediatamente. (...) Jogo alegre. Perigos freqüentes para um *club* e para outro. Incidente. Quase socos. Quase briga entre jogadores. Os que não queriam brigar segurando os que estavam com vontade. Thomaz, do São Christovam, em luta com Said, do Athletico. Intervenção. Polícia no meio do campo. Duque Costa pacificando com elegância. Gente falando em elevação de nível e fraternidade aos que se queixavam de pontapés e empurrões⁵⁵.

Possivelmente, quem falava de elevação de nível eram as pessoas da elite, pois os mesmos estavam acostumados com um outro jogo, que já não existia mais. Agora,

⁵⁴ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sábado, 4 de Janeiro de 1930.

⁵⁵ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 22 e 23 de Julho de 1929, p.10.

aquele jogo burguês que os estudantes da elite trouxeram para o Brasil, quando regressaram da Europa, dera lugar a um esporte que envolvia muitos interesses. Esse esporte foi, ao longo das primeiras décadas do século XX, atraindo jovens de diversas camadas da população, que ao se envolverem com essa brincadeira de chutar bola nas ruas e nos campinhos iam aperfeiçoando-se, gostando cada vez mais dessa prática e sentindo-se no direito de disputarem seus lugares nos times existentes na capital mineira.

Aí está uma possível explicação pelo aumento exponencial dos sururus⁵⁶ nos campos. Uma disputa pelas melhores posições nos times e no cenário futebolístico da cidade. Quando esse espaço nos times não era concedido, os moradores da periferia fundavam seus próprios times nos bairros em que moravam. Assim, muitas equipes proliferaram em Belo Horizonte em todas as partes da cidade.

Tudo isso impactou os *footballers*, que viviam no cotidiano respirando esse jogo, num período em que alguns sonhavam em pertencer a algum time da cidade, pois isso trazia aos mesmos popularidade e reconhecimento, e pretendiam fazer do esporte, nos moldes europeus, uma atividade higiênica e eugênica, que contribuísse para fortalecer seus corpos, como mencionado em diversos momentos.

Os sururus exigiam ainda mais dos jogadores, dos torcedores e dos árbitros, como relatado abaixo pelo cronista do jornal Minas Geraes, Eduardo Frieiro (1933):

Torcedores exaltados, compreendidas as moças, vaiaram o juiz, que deixou o campo garantido, refugiando-se no vestiário, pois era intuito do povo linchá-lo. A muito custo, rodeado de cinquenta soldados, o sr. F. conseguiu abandonar o recinto. "Torcedores" apaixonados estavam dispostos a linchar o

⁵⁶ Segundo Silva (2006), p. 61-62, “Era conveniente, portanto, que o comportamento dos novos aficionados pelo futebol nem sempre fosse adequado aos padrões de urbanidade recomendados aos verdadeiros *sportsmen*. Nos jornais e revistas reunidos no álbum de Marcos de Mendonça, percebe-se que eram extremamente comuns os episódios em que isso acontecia. Como não compartilhavam os valores e formas de sociabilidade cultivadas pelo público mais elegante, os espectadores mais pobres frequentemente violavam as normas de conduta esportiva, vaiando e insultando juizes e jogadores, invadindo o campo e provocando os famosos sururus”.

juiz, em que viam o culpado da derrota sofrida pelo *team* local. Linchar! Isto parecerá espantoso aos não habituados a tais jogos. Não causará, porém o menor espanto a quem conheça o *football*. Seus apreciadores sabem muito bem que no ânimo de "torcedores" exaltados todas as impulsões se tornam possíveis, mesmo as homicidas. Se a só intenção matasse, ou se as ideias violentas se traduzissem sempre em atos, mais de um juiz perderia a vida no campo. Felizmente, tais ideias não passam em geral de atos frustrados. Ainda não foi assassinado ou linchado nenhum juiz de jogo, e é milagre que isso não tenha acontecido. Mas as agressões físicas e os espancamentos são freqüentes na carreira dos homens do apito⁵⁷.

Atitudes como as relatadas acima, de violência extrema nos campos de futebol na capital mineira fizeram com que as entidades que administravam e regulavam o esporte tivessem muito trabalho. O que estava sendo mencionado a todo momento era a falta de educação esportiva das pessoas para frequentarem os estádios e como os torcedores e jogadores se transformavam, dando vazão a impulsos de agressividade injustificáveis, como podemos perceber:

Quem quiser conhecer a má educação, a grosseria, a intolerância, a ferocidade da multidão sem freios, devem freqüentar partidas de *football*. São espetáculos além de divertidos, sumamente instrutivos. Por ora, enquanto não se implanta aqui o facismo, o nazismo ou o bolchevismo, nada temos de mais empolgante. A emoção da peleja e a paixão partidária nivelam os assistentes. O homem mais civil perde o domínio de si mesmo, perturba-se, rompe a casquinha da boa educação e passa a conduzir-se como os mais mazarros. Nos jogadores, e especialmente nos espectadores, não se vê uma porciúncula de lealdade, de correção esportiva, de algo que lembre o britânico *fair play*⁵⁸.

Entretanto o futebol - por diversas características e especificidades desse jogo, como: a simplicidade das suas regras, o baixo custo para sua realização e, sobretudo, a sedução que esse esporte despertava nas pessoas - foi transformado de um simples jogo de bola, num envolvimento afetivo com uma prática capaz de mexer com emoções, de colocar os expectadores e os jogadores em situações inusitadas, contribuiu também para aproximar o povo da jovem capital de Minas Gerais, como nenhuma outra prática social.

⁵⁷ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, domingo, 6 de agosto de 1933, p. 10.

⁵⁸ Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes, domingo, 6 de agosto de 1933, p.10.

Contudo, é importante pensar que o esporte era compreendido como uma prática moderna. De acordo com Sevcenko (1998):

É preciso considerar simultaneamente o poderoso atrativo exercido pelos esportes sobre as várias comunidades, para se poder avaliar a magnitude do seu impacto cultural. Independente do que as autoridades públicas ou desportivas pensassem ou pretendessem a partir dele, a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficionados. A intensidade e a pleora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transe profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. Os poderes públicos podiam ou não manifestar intenções categóricas em relação aos efeitos sociais da disseminação das atividades atléticas, mas nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes contingenciais a um mundo em imprevisível fermentação (SEVCENKO, 1998, p.48).

Para muitos, ele deveria afirmar essa prerrogativa a partir de uma adequação de suas regras, no sentido de afastar os aspectos que o descaracterizavam. Era importante que o esporte inspirasse organização, justiça e atitudes entendidas como civilizadas.

O futebol possibilitava a expressão de desejos, estabelecia uma junção de corpos que se confrontavam, mas que também se completavam e interagiam. No entanto, alguns cronistas constataavam com pesar que a situação estava se agravando.

Incidente. Quase socos. Quase briga entre jogadores. Os que não queriam brigar segurando os que estavam com vontade. Thomaz do São Christovam em luta com Said do Athletico. Intervenção. Polícia no meio do campo. Duque Costa pacificando com elegância. Gente falando em elevação de nível e fraternidade aos que se queixavam de empurrões e pontapés⁵⁹

Para o cronista que tinha vivido um outro tempo, as constatações acima alteravam a dinâmica do jogo, pois tirava a imprevisibilidade do mesmo, desprezava o imponderável, controlava aquilo que deveria ser incontrolável e era, de alguma forma, tirar a beleza e os encantamentos do futebol.

⁵⁹ MINAS GERAES, 22 e 23 de Julho de 1929, p.10.

No entanto, eram poucos os que pensavam dessa forma. As posturas mais comuns podem ser identificadas nas fontes como a do dr. Saint' Clair Valladares Junior.

O dr. Saint' Clair Valladares Junior conseguiu modificar os costumes dos jogadores e dos torcedores. Àqueles, ensinou como praticar o futebol dentro de um elevado espírito esportivo; e a estes, como se portar num estádio, aplaudindo e não hostilizando os *cracks*. Aos juizes, eternas vítimas da era dos torcedores e do *team* vencido, o presidente da liga de Futebol de Belo Horizonte descobriu um meio como conservá -los intactos dentro do campo e senhores da situação. O auxílio da polícia muito tem contribuído para o êxito da campanha moralizadora do nosso futebol. A administração Saint' Clair Valladares é merecedora do respeito e da consideração com que se vem impondo. O presidente da entidade especializada está realizando um milagre que a outros santos pareceu impossível...⁶⁰

O futebol tinha muitas peculiaridades. Existiam muitas formas de envolver-se com esse esporte. Eram pouquíssimos aqueles que conseguiam perceber que os sururus faziam que o jogo ganhasse em vivacidade, em sentimento, e em entusiasmo.

O espírito esportivo que estava sendo preconizado convivia com a compreensão de uma dinâmica própria do futebol, que foi sendo re-significado pelos belorizontinos, que criaram uma forma peculiar para essa prática e que estava sendo ameaçada pelas tentativas de padronização, tão presentes nos discursos dos moralistas e dos pseudo-defensores do progresso, e de um olhar engessado para essa prática social.

A Liga Mineira foi uma legítima representante desse movimento de engessamento, protagonizou muitas polêmicas e envolveu-se em autênticos sururus. Não foi à revelia que foi intitulada nas fontes como o supremo tribunal da encrenca esportiva.

Em 11 de novembro de 1932, o Minas Gerais trouxe uma notícia do "congraçamento do esporte mineiro", pois segundo a manchete do jornal "as deliberações tomadas na reunião dos clubes filiados a AMEG e a LMDT" anunciava uma aura de uma nova fase para o esporte mineiro, que fazia inclusive esquecer os

⁶⁰ Arquivo Público Mineiro - Revista Bello Horizonte, Outubro de 1938.

velhos ressentimentos e ressuscitavam "as esperanças mortas aos embates das paixões que, durante meses, se aquartelavam nos nossos arraiais esportivos", que durante bom período de tempo, "teve as suas negras asas abertas sobre o esporte em Minas⁶¹".

Contudo, a trégua duraria muito pouco, e os fatos que sucederam fizeram com que o ambiente de harmonia fosse transformado completamente, em função dos acontecimentos do ano de 1933.

Logo em Janeiro o anúncio pelo jornal Estado de Minas, mexeu com as estruturas do futebol no Brasil, pois "com a fundação da Liga Carioca de futebol, esta(va) implantado, no Rio, o profissionalismo⁶²". No dia seguinte o mesmo periódico trouxe uma nota informando da ótima aceitação nos meios esportivos de São Paulo, sobre a implantação do profissionalismo na capital carioca, "todos os jornais tecem elogios a essa medida moralizadora aplaudindo os fundadores da novel entidade que deram assim a seus pares um exemplo frisante de seu espírito democrático⁶³".

Assim, foi se criando nos dias seguintes todo um clamor por um posicionamento de como se daria este processo em Minas Gerais, pois segundo os cronistas "em todos os lugares estão cogitando da inovação, fazemos uma pergunta: Quando sobrá para as Alterosas um pouco do Assunto?⁶⁴".

Entretanto, nem todos estavam satisfeitos com os fatos, e rapidamente uma reunião dos clubes que compunham a Liga Mineira provocou uma ruptura definitiva, com dois lados se manifestando em flagrante oposição, de um lado o presidente do Athletico, Dr Thomaz Naves, que defendia a implantação do profissionalismo e queria que a entidade se chamasse Associação Mineira de Esportes (AME). Do outro lado,

⁶¹ MINAS GERAIS - Sexta feira, 11 de Novembro de 1932, p.13.

⁶² ESTADO DE MINAS - Quarta feira, 25 de janeiro de 1933, p.6.

⁶³ ESTADO DE MINAS - Quinta feira, 26 de janeiro de 1933, p.6.

⁶⁴ ESTADO DE MINAS - Sexta feira, 27 de janeiro de 1933, p.6.

Clóvis Pinto, presidente do América e defensor do amadorismo, que propunha a criação da Liga de Amadores de futebol (LAF)⁶⁵.

Depois de uma votação, e da manifestação dos presidentes dos Clubes venceu a Liga de Amadores de futebol (LAF). Commercial, Retiro, Calafate, C. Prates, Villa, Sete, América e Santa Cruz escolheram a LAF; "votando pela AME os clubes Esperança, Fluminense, Tupy e Palmeiras. Venceu, portanto, a sugestão apresentada pelo America por 8 votos contra 5⁶⁶".

Dessa forma, uma reação começou a ocorrer nos bastidores, várias informações e especulações sobre os clubes que pretendiam aderir a Liga Carioca, o que de certa forma movimentou o contexto em Belo Horizonte.

Insatisfeito com os rumos que se apresentavam para o futebol mineiro e a perspectiva de se permanecer no amadorismo o presidente do Athletico, Dr Thomaz Naves, resolveu romper com os mineiros, e fez um movimento para participar do campeonato carioca, junto com o Tupy de Juiz de Fora.

Cogita-se a fundação de um Clube profissional em Nichteroy. A Liga Carioca de Futebol organizará um campeonato entre os Estados do centro do Brasil. Pretendem um clube de Belo Horizonte e um de Juiz de Fora⁶⁷.

Cabe ressaltar que o Atlético sofreu a perda de muitos jogadores para o futebol carioca e muitos eram constantemente contatados e sondados, pois "as sereias do profissionalismo procura(vam) seduzir os *cracks* mineiros⁶⁸", em função do profissionalismo no Rio de Janeiro. Diversas manifestações e entrevistas do Dr Thomaz Naves⁶⁹ - que ameaçou abandonar de vez o futebol - e do Sr. Clóvis Pinto⁷⁰, que

⁶⁵ ESTADO DE MINAS, 29 de janeiro de 1933, p.8.

⁶⁶ ESTADO DE MINAS, 29 de janeiro de 1933, p.8.

⁶⁷ ESTADO DE MINAS, 8 de fevereiro de 1933, p.6.

⁶⁸ ESTADO DE MINAS, 10 de fevereiro de 1933, p.6.

⁶⁹ ESTADO DE MINAS, 16 de março de 1933, p.8.

constantemente promoviam reuniões com os clubes para combater a ideia do profissionalismo.

Muitos argumentos favoráveis e contrários a adoção do profissionalismo, no futebol mineiro eram constantemente publicados na imprensa mineira. O jornal o Estado de Minas chegou a promover uma enquete sobre o assunto: "Praticável, a implantação do profissionalismo no futebol?⁷¹". Vários atletas e dirigentes foram entrevistados, como o Sr. Affonso Paulino, ex presidente do Athletico⁷², o Sr. Décio Fábio Quadros, primeiro secretário do America F. Clube⁷³, e muitos outros. Debates e posições antagônicas e que possibilitaram uma verdadeira cisão na entidade máxima que regulava o esporte na capital mineira, e que tiveram desdobramentos com a fundação de novas entidades.

Belo Horizonte esportiva começa a reanimar-se. A perspectiva do ano de 1933 é grandiosa FAMA, LAF e AMEG, as três novas entidades, cada qual com um determinado e vasto ramo de atividades, prometem dar um grande desenvolvimento aos esportes já incrementados e a criar, fomentar, os que ainda não se praticam regularmente entre nós. Mas a grande atração continua a ser o futebol a "doença" da cidade. O nosso público já se prepara para assistir os grandes embates da temporada que vem. O entusiasmo voltou. Acabou-se a cisão⁷⁴.

Neste cenário de muitas disputas e com um grande posicionamento dos cronistas em defesa do futebol profissional, trazendo muitas informações sobre jogadores e entidades que adotaram a perspectiva do contrato, e com a ameaça do Atlético em disputar o certame no estado do Rio de Janeiro, alguns clubes cederam e resolveram aderir ao futebol profissional. O América em atitude desesperada resolveu também participar do campeonato, mas seus dirigentes tentaram fazer um acordo com os

⁷⁰ ESTADO DE MINAS, 27 de abril de 1933, p. 8.

⁷¹ ESTADO DE MINAS, 22 de fevereiro de 1933, p.10

⁷² ESTADO DE MINAS, 23 de fevereiro de 1933, p. 8.

⁷³ ESTADO DE MINAS, 27 de fevereiro de 1933, p.8.

⁷⁴ ESTADO DE MINAS, 4 de março de 1933, p. 6.

jogadores para que os mesmos não fossem remunerados. Entretanto os jogadores não concordaram, e Clóvis Pinto resolveu em entrevista declarar que abandonaria o esporte.

Os sururus foram associados também ao amadorismo. Para os defensores do profissionalismo como o presidente do Atlético dr. Thomaz Naves.

Outra coisa que entra pelos olhos é que o regime profissional melhorará cento por cento a classe do nosso futebol. Assistiríamos, exibições, do verdadeiro “soccer” e empolgante. Mas não é só isso. Por que motivo foi rareando progressivamente até hoje a assistência aos nossos embates? Cita-se em resposta justamente a decadência do “*association*” bellorizontino proporcionando aos aficionados dia para dia piores exibições. Essa razão não pode ser encarada, a nosso ver, como de ordem precípua, porque há outras de vulto igual ou maior. São elas: “sururus” freqüentes, chegando a constituir raridade a sua não verificação em jogos importantes: discussão de jogadores com juiz; demora excessiva e desabusada no início das partidas, em inobservância completa nos horários estabelecidos para a orientação do público, etc. etc. Os amantes ferrenhos do amadorismo falso alegariam a possibilidade de serem sanadas muitas dessas irregularidades, independentemente da mudança de regime, coisa que nos parece de todo absurda. Por campanha vitoriosa em favor do profissionalismo no Rio e São Paulo, foram esclarecidas todas as vantagens do regime moralizador⁷⁵.

Entendo que todas as tramas que antecederam a efetivação desse movimento conduziram à concretização e a afirmação do futebol remunerado, bem como a permanência do futebol amador.

Considerações Finais

Alguns aspectos podem ser evidenciados como a constante tensão que permeava o cenário futebolístico da cidade, e que tinha nas ligas um ponto vulnerável e muito questionado, pois no primeiro momento da implantação do futebol eram as brigas (sururus), que faziam com que opiniões divergentes e a não aceitação das decisões da entidade máxima fossem motivos de desentendimentos. Atitudes muito passionais que promoviam o conflito, posicionamentos antagônicos e muitos questionamentos das decisões das ligas, pois já é possível identificar um grande envolvimento das pessoas

⁷⁵ Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 27 de Abril de 1933, p.8.

com os times de futebol na capital mineira desde a segunda década do século XX. Num segundo momento, início da década de 1930, o debate e a implantação do profissionalismo foi o principal aspecto que contribuiu para as posições antagônicas e os constantes conflitos entre os clubes, os dirigentes e as ligas que surgiram e foram duramente criticadas e questionadas.

O artigo em questão possibilitou ter uma dimensão da importância das Ligas para o aperfeiçoamento do esporte na cidade. Contudo, pela pouca experiência em gerir um fenômeno sem precedentes na nossa história, e pelos diversos interesses que permeiam o futebol, as ligas sempre foram um ponto vulnerável e propícias a manobras escusas e as astúcias, que por vezes são motivos de muitas polêmicas e que promovem o dissenso e os conflitos.

Mais estudos são necessários para compreendermos como a administração do esporte interferiu na experiência dos envolvidos com o jogo, e como se construiu essa paixão tão avassaladora que é o futebol, capaz de divertir e emocionar, mas também de alterar os ânimos das pessoas, para o conflito e para as disputas que ultrapassam e muito o campo de jogo.

REFERÊNCIAS

HIRSCHMAN, A. O. **A retórica da intransigência**: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 192 p.

MELO, Victor Andrade; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel C. Malaia. **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

RIBEIRO, R. R. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 180 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SALLES, J. G. C. **Entre a paixão e o interesse** – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. 423 f. Tese (Doutorado). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SEVCENKO, N. A metrópole irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In: História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.3. 726 p.

SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 238 p.

Endereço do Autor:

Rodrigo Caldeira Bagni Moura
Endereço Eletrônico: rodrigo.cbmoura@hotmail.com